

O povo e o nascimento de Moisés



Sábado, 28 de Junho

Leia para o estudo desta semana: Êxodo 1; Gênesis 37:26–28; Gênesis 39:2, 21; Atos 7:6; Gálatas 3:16, 17; Êxodo 2.

Verso para memorizar: “Os filhos de Israel gemiam por causa da sua escravidão. Eles clamaram, e o seu clamor chegou até Deus. Deus ouviu o gemido deles e lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó. E Deus viu os filhos de Israel e atentou para a situação deles” (Êxodo 2:23–25).

O livro de Êxodo ressoa com relatos dos oprimidos, marginalizados, perseguidos, explorados e degradados. Assim, as pessoas hoje que se sentem abandonadas, esquecidas e escravizadas podem encontrar esperança, porque o mesmo Deus que salvou os hebreus pode salvá-las também.

O livro de Êxodo fala das batalhas existenciais da vida e das injustiças e provações que fazem parte dela. Todos podem ser encorajados pelas histórias das intervenções de Deus em favor do Seu povo sofrido. Deus ouve o clamor dos oprimidos, vê suas lutas, nota suas lágrimas e, em sua agonia, vem para ajudar.

Deus toma a iniciativa de libertar aqueles que confiam Nele. Precisamos apenas aceitar, pela fé, o que Ele nos oferece. É por isso que o livro de Êxodo deve ser estudado, pois aponta para o que Jesus fez por todos nós. É um livro sobre redenção, libertação e salvação final — tudo o que é nosso, pela fé, em Cristo Jesus e no que Ele conquistou para nós.

No meio da turbulência e das trevas, se nossos olhos estiverem fixos em Deus, podemos reconhecer Sua presença, cuidado e ajuda enquanto Ele nos guia para a Terra Prometida eterna.

O povo de deus no Egito

O livro de Êxodo é chamado em hebraico de “shemot”, literalmente “nomes” em português, de acordo com as primeiras palavras desse antigo documento. “Estes são os nomes” é como ele começa. Os nomes da família do patriarca Jacó são enumerados logo no início.

Leia Êxodo 1:1-7. Que verdade crucial é apresentada nesse texto?

O livro de Êxodo começa com um lembrete da bênção de Deus. Quando o patriarca Jacó e sua família se estabeleceram no Egito, eram apenas 70 pessoas (Gênesis 46:27, Êxodo 1:5); mas os israelitas “foram fecundos, multiplicaram-se e tornaram-se numerosos e muito fortes, e a terra ficou cheia deles” (Êxodo 1:7). No entanto, no tempo do Êxodo, eles contavam “cerca de seiscentos mil homens a pé, além de mulheres e crianças” (Êxodo 12:37).

Leia Êxodo 1:8-11. Qual era a condição dos israelitas na época do êxodo?

O texto bíblico pinta a história dos filhos de Israel no Egito com cores sombrias. O livro de Êxodo começa com sua escravidão pelos feitores egípcios e o trabalho opressor que impuseram aos hebreus. O livro de Êxodo termina, no entanto, com a presença pacífica e reconfortante de Deus no tabernáculo, no centro do acampamento israelita (Êxodo 40). Entre esses dois polos opostos, o triunfo de Deus é descrito. Ao libertar Seu povo da escravidão, ao abrir o Mar Vermelho e ao derrotar o exército mais forte da época, a vitória espetacular de Deus sobre as forças do mal é revelada.

A história paradoxalmente enfatiza que quanto mais os opressores “os afligiam, mais os israelitas se multiplicavam e se espalhavam” (Êxodo 1:12). Ou seja, não importam as maquinacões humanas, Deus ainda é soberano e salvará Seu povo, mesmo que as circunstâncias pareçam sem esperança, pelo menos da perspectiva humana.

“Levantou-se um novo rei sobre o Egito, que não havia conhecido José” (Êxodo 1:8). Como esse relato nos mostra que jamais devemos acreditar que qualquer circunstância, mesmo as boas, permanecerá a mesma para sempre?

O contexto histórico

Quando a família de Jacó chegou ao Egito após enfrentar fome em Canaã (Gênesis 46), o rei egípcio foi amigável com os hebreus por causa de José e de tudo o que ele havia feito pelos egípcios.

“E o faraó disse a José: ‘Veja, eu o coloco sobre toda a terra do Egito’. Então o faraó tirou o anel de sinete de seu dedo e o colocou no dedo de José; vestiu-o com roupas de linho fino e colocou uma corrente de ouro em seu pescoço. E o fez subir em sua segunda carruagem; e clamavam diante dele: ‘Atenção!’ Assim, ele o colocou sobre toda a terra do Egito” (Gênesis 41:41–43).

Qual foi a causa do sucesso surpreendente de José no Egito depois de um começo tão difícil? Gêneses 37:26-28; Gêneses 39:2, 21.

O contexto histórico mais plausível para a história de José é o seguinte: o novo governante, em Êxodo 1:8, “que não conhecia José”, é Ahmose (1580–1546 a.C.). Depois veio Amenófis I (1553–1532 a.C.), o governante que temeu os israelitas e os oprimiu. Mais tarde, Tutmés I (1532–1514 a.C.) emitiu o decreto de morte para todas as crianças hebraicas do sexo masculino. Sua filha Hatshepsut (1504–1482 a.C.) foi a princesa que adotou Moisés como filho. O faraó Tutmés III (1504–1450 a.C.), que por algum tempo foi co-regente com Hatshepsut, foi o faraó do Êxodo.

O Êxodo ocorreu, de acordo com os melhores cálculos, em março de 1450 a.C. (ver William H. Shea, “Êxodo, Data do”, A Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional, editada por Geoffrey W. Bromiley et al., vol. 2 [Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1982], pp. 230–238). Para entender o tempo do Êxodo, estude os seguintes textos bíblicos: Gênesis 15:13–16; Êxodo 12:40, 41; Juízes 11:26; e 1 Reis 6:1 (ver também Atos 7:6; Gálatas 3:16, 17).

O primeiro capítulo de Êxodo cobre um longo período — desde o tempo de José, quando seu pai, Jacó, com toda a família entrou no Egito, até o decreto de morte do faraó. Embora exista algum debate sobre o número exato de anos, o que importa é que, mesmo com Seu povo escravizado em uma terra estrangeira, o Senhor não os esqueceu.

Ou seja, embora muitos detalhes sobre os hebreus no Egito naquela época permaneçam ocultos, pelo menos por enquanto (1 Coríntios 13:12), a revelação do caráter de Deus ainda brilha nas páginas deste livro, como acontece em toda a Escritura. Podemos saber que, não importa o quão ruins as coisas pareçam, Deus está sempre lá, e podemos confiar Nele em qualquer situação difícil em que nos encontremos.

As parteiras hebreias

Não se pode entender o livro de Êxodo sem pressupor os ensinamentos de Gênesis. Os judeus se mudaram para o Egito e, após um tempo de grande prosperidade e paz, foram escravizados.

Mas Deus não abandonou Seu povo aos seus problemas, embora às vezes possa ter parecido assim. Sem dúvida, muitos do povo hebreu desesperaram-se com sua situação. No entanto, no tempo de angústia, Deus vem ajudar com Sua mão poderosa. Nosso Senhor encoraja Seus seguidores: “Clame a Mim no dia da angústia; Eu o livrarei, e você Me glorificará” (Salmo 50:15).

Leia Êxodo 1:9-21. Qual foi o papel fundamental das parteiras fiéis e por que elas são lembradas na história?

Nenhum faraó tem um nome no livro de Êxodo. Eles carregam apenas o título de “Faraó”, que significa “rei”. Os egípcios acreditavam que o faraó era um deus na terra, o filho do deus Rá (ou Osíris ou Hórus). Rá era considerado a divindade egípcia mais elevada, o próprio deus do sol.

No entanto, apesar de todo o seu poder, esse “deus” não foi capaz de forçar as parteiras a agirem contra suas convicções. Na verdade, em contraste com o faraó sem nome, as duas parteiras são nomeadas, Sifrá e Puá*(Êxodo 1:15); elas são altamente estimadas porque temiam ao Senhor. A ordem maligna do faraó não teve efeito sobre elas porque respeitavam a Deus mais do que as ordens de um governante terreno (ver também Atos 5:29). Assim, Deus as abençoou com suas próprias famílias numerosas. Que testemunho poderoso de fidelidade. Essas mulheres, não importa o quão pouco soubessem de teologia, sabiam não apenas o que era certo, mas escolheram fazer o que era certo.

Quando o faraó viu que seu plano havia falhado, ordenou que os egípcios matassem todos os bebês do sexo masculino nascidos dos hebreus. Eles deveriam jogá-los no rio Nilo, provavelmente como uma oferenda a Hapi, o deus do Nilo, e também um deus da fertilidade. (Esta é a primeira vez registrada que os judeus são mortos apenas porque são judeus.) O propósito do decreto de morte era subjugar os hebreus, aniquilar todos os descendentes masculinos e assimilar as mulheres na nação egípcia, acabando assim com a ameaça que o faraó acreditava que os hebreus representavam para sua nação.

As parteiras sabiam o que deviam fazer e fizeram. Qual é a lição para nós?

O nascimento de Moisés

Leia Êxodo 2:1-10. Qual foi o papel da providência e proteção na história do nascimento de Moisés?

O contexto histórico do nascimento e vida de Moisés é emocionante porque ele viveu durante o tempo da famosa décima oitava dinastia egípcia. Um rei durante essa dinastia — Tutmés III, chamado de “Napoleão do Egito” — é considerado um dos faraós mais famosos do antigo Egito. Embora sob sentença de morte ao nascer (ver Êxodo 1:22), Moisés nasceu como um filho “especial” (hebraico *tob*, lit. “bom”; Êxodo 2:2).

O termo hebraico descreve mais do que beleza externa. Essa palavra é usada, por exemplo, para caracterizar a obra de Deus durante a semana da Criação, quando Ele declarou que tudo era “bom”, até “muito bom”*(Gênesis 1:4, 10, 31). Como uma nova criação, essa criança “boa” se tornará, de acordo com o plano de Deus, o adulto que liderará os hebreus para fora de sua escravidão.

No nascimento desse bebê, especialmente em circunstâncias tão terríveis, quem poderia ter imaginado seu futuro? No entanto, Deus cumprirá Suas palavras a Abraão, Isaque e Jacó. Ele fez uma aliança com eles de que daria a seus descendentes a Terra Prometida (Êxodo 2:24, 25). E, sim, Ele usaria esse bebê *tob*, décadas depois, para fazer exatamente isso. Até então, a princesa egípcia Hatshepsut adotou Moisés como seu filho.

O nome dado a Moisés tem origem egípcia, significando “filho de” ou “nascido de”, como refletido nos nomes de Ahmose (“filho de Akh”) ou Tutmés (“filho de Tot”). Seu nome é, assim, traduzido em hebraico como Mosheh, ou seja, “tirado”. Sua vida foi milagrosamente poupada quando ele foi “tirado” do rio. Sabemos apenas algumas coisas sobre sua vida inicial. Depois de ser milagrosamente salvo e adotado por Hatshepsut, Moisés viveu seus primeiros 12 anos com sua família original (Êxodo 2:7–9; Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 244).

Moisés então recebeu a melhor educação egípcia, tudo para prepará-lo para ser o próximo faraó do Egito (*Patriarcas e Profetas*, p. 245). Que fascinante que, no final, tanto dessa educação seria inútil para, ou até mesmo trabalharia contra, o que realmente importava: o conhecimento de Deus e de Sua verdade.

Você está aprendendo algo que é irrelevante para o que realmente importa?

Mudança de planos

Leia Êxodo 2:11-25. Que fatos ocorridos rapidamente mudaram toda a direção da vida de Moisés? Que lições podemos aprender dessa história?

O que Moisés faria? Ele sucumbiria ao fascínio do Egito e aos prazeres da corte, ou suportaria a adversidade com seu povo em conflito? Os eventos logo forçaram uma decisão para ele.

“Quando o faraó soube disso, procurou matar Moisés. Mas Moisés fugiu da presença do faraó e foi habitar na terra de Midiã; e assentou-se junto a um poço” (Êxodo 2:15).

Após o assassinato, Moisés realmente não tinha escolha, pelo menos no que dizia respeito a permanecer no Egito. Assim, quaisquer que fossem os planos para ele ascender ao trono do Egito e se tornar um “deus”, esses planos foram rapidamente encerrados. Em vez de se tornar um falso deus, Moisés serviria ao verdadeiro Deus. Sem dúvida, no momento em que fugiu, Moisés não tinha ideia do que o futuro lhe reservava.

“O assunto todo [do assassinato do egípcio por Moisés] foi logo levado ao conhecimento dos egípcios e, muito exagerado, logo chegou aos ouvidos do faraó. Foi dito ao rei que esse ato significava muito; que Moisés pretendia liderar seu povo contra os egípcios, derrubar o governo e se assentar no trono; e que não poderia haver segurança para o reino enquanto ele vivesse. Foi imediatamente decidido pelo monarca que ele deveria morrer; mas, percebendo seu perigo, ele [Moisés] escapou e fugiu em direção à Arábia.” — Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 206.

Moisés viveu 120 anos (Deuteronômio 34:7), e sua vida pode ser dividida em três partes de 40 anos cada. Os primeiros 40 anos foram no Egito, grande parte deles no palácio real. Os segundos 40 anos ele passou na casa de Jetro, no território de Midiã.

No entanto, são os últimos 40 anos que ocupam a maior parte dos primeiros cinco livros de Moisés (e deste trimestre), e eles contam a história do chamado inicial de Israel para testemunhar a um mundo mergulhado na idolatria, revelando a natureza e o caráter do verdadeiro Deus (ver Deuteronômio 4:6–8).

Era plano de Deus que Moisés matasse o egípcio? Se não, o que essa história nos ensina sobre como Ele pode tomar em Suas mãos qualquer situação e usá-la para cumprir Seus propósitos? Como romanos 8:28 nos ajuda a compreender essa verdade importante?

Estudo Adicional: Leia Ellen G. White, “Moisés”, p. 201–209, em Patriarcas e Profetas, que lhe dará insights significativos sobre a porção do texto bíblico estudado esta semana.

O texto bíblico afirma que “as parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram como o rei do Egito lhes ordenara, mas deixaram os meninos viver” (Êxodo 1:17). Ellen G. White comenta apropriadamente sobre a fidelidade das parteiras e a esperança messiânica: “Foram dadas ordens às mulheres cujo emprego lhes dava oportunidade para executar a ordem, de destruir as crianças hebreias do sexo masculino ao nascer.

Satanás era o agente nesse assunto. Ele sabia que um libertador seria levantado entre os israelitas; e, levando o rei a destruir seus filhos, ele esperava frustrar o propósito divino. Mas as mulheres temiam a Deus e não ousaram executar o cruel mandato. O Senhor aprovou sua conduta e as prosperou.” — Patriarcas e Profetas, p. 202.

A boa notícia em tudo isso é que, apesar dos planos de Satanás, Deus sobrepôs-se e usou pessoas fiéis para frustrar o inimigo. Vivemos no território de nosso inimigo, a quem Jesus chamou de “príncipe” ou “governante deste mundo” (Efésios 2:2; João 14:30). Satanás usurpou essa posição de Adão, mas Jesus Cristo o derrotou em Sua vida e por meio de Sua morte na cruz (Mateus 4:1–11, João 19:30, Hebreus 2:14).

Embora Satanás ainda esteja vivo e ativo, como revelado em sua tentativa de matar aquelas crianças, sua própria execução é certa (João 12:31; João 16:11; Apocalipse 20:9, 10, 14). A boa notícia é que as dificuldades da vida podem ser superadas pela graça de Deus (Filipenses 4:13). Essa graça é nossa única esperança.

Questões para discussão:

❑ Por que Deus permitiu que os hebreus vivessem no Egito e fossem oprimidos? Por que demorou tanto para intervir em favor deles? Lembre-se também de que cada pessoa sofre apenas durante o período de sua própria vida. Portanto, o tempo de sofrimento da nação foi longo, mas cada pessoa sofreu apenas durante sua breve existência. Por que fazer essa distinção é importante quando tentamos entender o sofrimento humano em geral?

❑ Pense sobre como Deus foi capaz de usar o ato impetuoso de Moisés de matar o egípcio. Suponha que ele não tivesse cometido aquele erro. Isso significaria que os hebreus não teriam escapado do Egito? Explique seu raciocínio.

Informativo *Mundial da Missão*

SEM RATOS NO ALMOÇO

Por ANDREW MCCHESENEY

Maria Peter Siamikobo gostava de caçar ratos em uma vila montanhosa na Zâmbia. O menino e sua família comiam os roedores com mingau de fubá nas refeições. Eles também gostavam de comer porcos e peixes-bolha. A carne de porco estava sempre na mesa no Natal. O peixe-bolha era popular por sua carne sem ossos. Assim, foi uma surpresa para Peter quando ele soube que a Bíblia proibia suas carnes favoritas.

Ele ouviu sobre alimentos imundos pela primeira vez quando viajou cerca de 32 quilômetros de sua cidade natal para visitar um irmão que trabalhava em uma fazenda operada por missionários adventistas do sétimo dia dos Estados Unidos. Ele ficou para os cultos de sábado, e o pregador falou sobre os animais limpos e imundos de Levítico 11. Peter percebeu que ele e sua família estavam seguindo um plano alimentar que não correspondia ao ensino da Bíblia. Depois de um tempo, os missionários começaram a realizar cultos na escola primária de Peter nas tardes de sábado. Peter frequentava as reuniões, embora tivesse que caminhar três quilômetros para chegar à escola. Seus pais, no entanto, o desencorajaram de ir e lembraram que ele havia sido batizado quando bebê.

O pai até ordenou que ele trabalhasse na fazenda da família aos sábados. Peter não sabia nada sobre a observância do sábado e rapidamente fazia seu trabalho de manhã para poder ir à reunião da tarde. No ensino médio, Peter fez novos amigos de famílias adventistas. Ele estudou a Bíblia com eles e entregou seu coração a Jesus no batismo por imersão. Ele parou de comer ratos, porco e peixe-bolha. Com o tempo, seus pais passaram a apreciar o sábado do sétimo dia. Eles entenderam por que ele não comia carne imunda.

Todo sábado em que estava em casa, eles o encorajavam a não se atrasar para a Escola Sabatina. Hoje, há uma igreja adventista na cidade de Peter. Por meio da influência adventista, muitos moradores pararam de comer alimentos imundos. Peter é grato por ter aprendido quando menino sobre a importância de viver saudavelmente e glorificar a Deus

com sua dieta. Afinal, 1 Coríntios 10:31 diz: “Portanto, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus”. “Agradeço a Jesus por me salvar de alimentos imundos”, disse Peter, um ancião da igreja e chefe do Departamento de Ciências Sociais da Rusangu Secondary School, uma escola adventista do sétimo dia na Zâmbia.

Fornecido pelo Escritório da Conferência Geral da Missão Adventista, que usa as ofertas missionárias da Escola Sabatina para espalhar o evangelho em todo o mundo. Leia novas histórias diariamente em www.AdventistMission.org.

Acreditamos que Deus aumentou o conhecimento de nosso mundo moderno e que Ele deseja que o usemos para Sua glória e proclamar Seu breve retorno! Precisamos da sua ajuda para continuar a disponibilizar a Lição neste aplicativo. Temos os seguintes custos Firebase, hospedagem e outras despesas. Faça uma **doação** no nosso site WWW.Licao.org.